

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**A FALTA, O EXCESSO E O ESTRANHAMENTO NA
CONSTITUIÇÃO/INTERPRETAÇÃO DO *CORPUS* DISCURSIVO**

ERNST-PEREIRA, Aracy

aracyep@terra.com.br

Doutora em Letras

Universidade Católica de Pelotas (UCPEL)

Um dos problemas com que se depara o analista de discurso é o recorte a ser operado no *corpus* empírico para constituir o *corpus discursivo* a partir do qual são organizados e aplicados os procedimentos descritivos e interpretativos que constituem o modo de trabalho da Análise de Discurso (AD). Essa dificuldade deve-se à natureza da disciplina, que não segue critérios empíricos ou positivistas. De maneira consensual, os estudiosos partilham a idéia de que nada existe preestabelecido entre os diversos objetos de estudo dessa disciplina e os recursos que a lingüística oferece, uma vez que cada *corpus* instaura questões específicas e, em função dessas questões, são mobilizados diferentes conceitos. Dessa forma, a escolha de um aspecto lingüístico e/ou enunciativo a ser focalizado em detrimento de outro assim como de um procedimento analítico em detrimento de outro depende da dinâmica do discurso, a ser observada pelo analista, aí implicados o sujeito submetido à ordem da ideologia e do inconsciente, a memória estruturante do dizer e o sentido opacificante. Essas três noções que, em qualquer pesquisa em AD, deverão estar sempre presentes como dispositivos operatórios explicitados e/ou substratos teóricos das práticas interpretativas introduzem uma maneira peculiar de abordar o objeto discursivo.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito ao movimento pendular que traça permanentemente um trajeto entre análise e teoria, como um fio que corre de um a outro ponto, em que são trabalhados, em inter-relação, diferentes campos do conhecimento. Uma das preocupações fundamentais na “costura” entre a análise e a teoria é estabelecer o ponto de equilíbrio entre a demanda da reflexão lingüística e enunciativa e a demanda da reflexão sobre a exterioridade teórica convocada; em outras palavras, evitar

reduzir a análise ao estrito formalismo da língua¹ e evitar transformá-la (a análise) em estudo de um dos campos das ciências sociais, o que provocaria uma rarefação do processo interpretativo proposto pela AD. Portanto, o que vai determinar o sucesso da análise é a compatibilidade entre a mobilização dos princípios teóricos definidos para o entendimento do objeto de estudo, intrinsecamente ligados à subjetividade e à historicidade, e o reconhecimento de aspectos lingüístico-enunciativos constituintes do *corpus* em estudo a elas relacionados.

Nesse processo de afinamento ou regulação metodológica, algumas operações são requeridas do pesquisador em termos de observação do *corpus*. É dessas operações que se pretende tratar a partir de três conceitos-chave: a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento*. Esses conceitos aqui tomam uma dimensão, pode-se dizer operacional, de reconhecimento de seqüências discursivas que possibilitam criar o gesto de interpretação do analista frente aos seus propósitos, funcionando como princípios gerais e não como dispositivos técnicos, de caráter formalista ou empírico. Ao contrário, tais conceitos podem e devem abrigar incontáveis modos do dizer e do não-dizer. Assim, numa dada conjuntura histórica frente a um dado acontecimento, aquilo que é dito demais, aquilo que é dito de menos e aquilo que parece não caber ser dito num dado discurso, constitui-se numa via possível, mesmo que preliminar e genérica, de identificação de elementos a partir dos quais poderão se desenvolver os procedimentos de análise do *corpus*. Esse parece ser o rumo tomado por vários analistas.

Pêcheux (1990), por exemplo, considerando o entrecruzamento de três caminhos – o do acontecimento, o da estrutura e o da tensão entre descrição e interpretação –, desenvolve uma análise a partir daquilo que *falta* na estrutura do enunciado “On a gagné”: quem ganhou? ganhou o quê?. Essa falta, de ordem sintática, define o que da estrutura deve ser trabalhado em termos da interpretação do acontecimento, no caso, a improvável vitória de François Mitterrand que se efetivou nas urnas por ocasião das eleições à presidência da República na França em 1981.

Authier-Revuz (2004)², na análise desenvolvida no texto “O lugar do outro em um discurso de falsificação da história. A respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich”, identifica, de um lado, a *falta* de termos que deveriam necessariamente aparecer como estrelas amarelas, guetos, prisão em massa, comboios, registros, etc., mas que são silenciados e, de outro, o *excesso* de termos relativos a atos de discurso, tais como dizer, redizer, declamar, repetir, chamar, etc. e de gêneros e formas materiais de discurso como confissão, testemunho, mentira, propaganda, comentário, carta, jornal, etc. A identificação pela autora da “onipresença de certos temas vs ausência de outros termos ingenuamente esperados” (p. 242) permitiu-lhe, no caso específico, apontar um deslocamento estratégico no discurso

¹ Estamos tratando evidentemente da materialidade discursiva que consiste numa relação determinada entre a língua e a ideologia, distinta da ordem da língua que se esgota nas unidades e nas relações internas do sistema.

² O trabalho da autora é aqui tomado como exemplo, tendo em vista os pontos de contato entre a teoria da enunciação que desenvolve e os estudos em AD.

analisado, cujo objetivo era estabelecer uma simetria fictícia entre “a verdade revisionista”, fundada no anti-semitismo e no anti-sionismo, e o referente histórico. Vê-se, então, que assim como a *falta*, o *excesso* também estabelece o ponto a partir do qual o processo de interpretação pode ser realizado pelo analista.

O outro conceito aqui apresentado é o *estranhamento*. Um exemplo ocorre em Ernst-Pereira (2002), no texto “O discurso da exclusão nos contos de fadas”³, em que surgem elementos da ordem do inesperado. O propósito era estudar o discurso infantil sobre os contos de fadas, investigando como crianças, em fase escolar, compreendem tais histórias e como expressam, em seus discursos, os significados da feminidade e masculinidade a partir da exposição às histórias, *Rapunzel* dos Irmãos Grimm e *Procurando Firme* de Ruth Rocha, e da posterior elaboração de um texto. Numa das seqüências discursivas analisadas, “A Linda Flor ficou com pena da Rapunzel e *ai ela arrumou um jeito de Rapunzel fugir com ela*”, a pequena autora apresenta algo estranho aos contos de fadas tradicionais, relacionado ao interdiscurso: a princesa é salva por uma personagem feminina e não por um príncipe, o que implica alijamento do homem como salvador e provedor. Essa inversão de perspectiva histórica consiste na sobreposição da solidariedade à rivalidade e disputa entre mulheres em prol das benesses de algum príncipe. Há a quebra da ordem esperada e o efeito, um tanto desconcertante, expõe a possibilidade, no caso, de o amor encontrar-se representado na ligação entre duas personagens femininas e não entre uma personagem feminina e outra masculina. A mulher, na seqüência analisada, situa-se em relação a outra mulher. Não há pausas ou interrupções como nas elipses (da ordem da falta) ou como nas incisões (da ordem do excesso) (cf. Haroche, 1992). O estranho, por um processo osmótico, nesse caso, serve-se da própria estrutura narrativa, sem alterá-la, para se fazer representar.

Num outro trabalho, a autora focaliza sua análise no *estranhamento* que se opera a partir de elementos presentes na linearidade significativa que provocam ruptura na ordem sintática. O trabalho⁴ perseguiu rastros deixados, no discurso do sujeito negro, da construção da identidade branca que ele foi obrigado a desejar. Tentou mostrar o conflito que se instaura no corpo e na palavra do sujeito a partir da análise de diferentes formas de auto-designação. Uma das seqüências analisadas – “Sou, melhor dizendo, estou sendo, uma mistura de asiático com afro-descendente” – apresentou uma construção perifrástica⁵ inesperada frente às condições de produção desse discurso que, juntamente com o uso da glosa metaenunciativa “melhor dizendo”, permitiu interpretar uma zona intermediária que coloca o sujeito imaginariamente num não-lugar, fazendo-o escapar da negatividade implicada em ser negro imposta historicamente. Observe-se que, neste caso, combinam-se o *estranhamento* (a construção perifrástica) e o

³ Texto apresentado na ANPOLL em 2004, referente à pesquisa “(Re)invenção de histórias sem fim. O discurso de exclusão em contos de fadas”. A seqüência citada foi retirada de uma redação elaborada por uma criança de 3º série, do sexo feminino, do Ensino Fundamental.

⁴ Texto apresentado no CELSUL em 2008 “Do corpo à palavra: o efeito sujeito” em que é estudada a relação entre os elementos sócio-históricos e o processo identificatório do sujeito negro.

⁵ Essa forma perifrástica enquadra-se no presente progressivo (presente do indicativo do auxiliar “estar” mais o gerúndio) para exprimir o presente atual.

excesso (a glosa metaenunciativa).

Ressaltemos que os três conceitos aqui em jogo – a *falta*, o *excesso* e o *estranhamento* – devem ser interpretados numa dupla dimensão: a do intradiscurso (materialidade discursiva) e a do interdiscurso (memória discursiva), uma vez que a AD trabalha um objeto inscrito na relação da língua com a história. A partir daí, podemos tentar explicitá-los da seguinte forma:

a) a *falta* – estratégia discursiva que consiste: 1) na omissão de palavras, expressões e/ou orações, consentida inclusive pela gramática, que podem (ou não) ser resgatadas pelo sujeito-interlocutor; 2) na omissão de elementos interdiscursivos que são esperados, mas não ocorrem e podem (ou não) ser percebidos pelo sujeito-interlocutor. No primeiro caso, ela se constitui num lugar em que são criadas zonas de obscuridade e incompletude na cadeia significativa com fins ideológicos determinados; no segundo, cria um vazio que visa, na maioria das vezes, encobrir pressupostos ideológicos ameaçadores.

A *falta* pode ocorrer, no nível intradiscurso, através de diferentes processos de ordem sintática e lexical em que algo *falha* na estrutura gramatical. Alguns desses processos normalmente são interpretados, aos olhos da gramática tradicional, como formas de dizer vinculadas às intenções estéticas de quem as usa. Aqui elas têm um outro estatuto. Ligam-se às determinações históricas de quem as produz. Enquadram-se nesse caso: a elipse, concebida como uma “falta necessária” pela gramática (cf. Haroche, 1992), as reticências, o zeugma, certas omissões de determinantes, as nominalizações que apagam o agente, as passivas sintéticas ou analíticas também com o apagamento do agente, substituições lexicais cujo termo substituinte é genérico, etc.

Já a *falta*, relacionada mais diretamente à ocultação de elementos do interdiscurso de uma dada formação discursiva que só poderão ser resgatados a partir do apelo aos exteriores da lingüística⁶, provoca um contingenciamento discursivo. Isso se estabelece em função de determinadas condições de produção históricas e/ou enunciativas, referentes à relação do sujeito com o objeto de que fala, com a língua que fala e com o interlocutor com quem fala;

b) o *excesso* – estratégia discursiva que se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso. Consiste: 1) no uso de incisivas, considerado na gramática como um *acréscimo contingente* (cf. Haroche, 1992), de intensificadores ou na repetição de palavras ou expressões e orações. Tais usos, na perspectiva aqui adotada, constituem-se em “acréscimo necessário” ao sujeito que visa garantir a estabilização de determinados efeitos de sentido em vista da iminência (e perigo) de outros a esses se sobreporem; 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se, nos dois casos, de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição.

⁶ Trata-se aqui especificamente dos diferentes campos das ciências sociais: história, antropologia, sociologia, etc.

c) o *estranhamento* – estratégia discursiva que expõe o conflito entre formações discursivas e consiste na apresentação de elementos intradiscursivos – palavras, expressões e/ou orações – e interdiscursivos, da ordem do ex-cêntrico, isto é, daquilo que se situa *fora* do que está sendo dito, mas que incide na cadeia significante, marcando uma *desordem* no enunciado. Aqui se dá o efeito de *pré-construído* através do qual “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado antes, em outro lugar, independentemente”, rompendo (ou não) a estrutura linear do enunciado. Possui como características a imprevisibilidade, a inadequação e o distanciamento daquilo que é esperado.

Tais critérios encontram-se na dependência dos propósitos do analista e de sua perspicácia e conhecimento para identificar as infundáveis formas que o dizer e o não-dizer podem tomar. Pretendeu-se, sem sacrificar as exigências do rigor conceitual da AD e a trama teórica que a compõe como também a complexidade envolvida nos procedimentos analíticos, auxiliar quem se inicia nas trilhas do discurso, tematizando três conceitos que podem constituir pontos de encontro da lingüística com a ideologia e o sujeito. No entanto, trata-se, em certa medida, de categorizações e, como tais, são redutoras; mas dado o seu caráter didático, talvez possam se revelar úteis no processo de desautomatização que deve caracterizar a leitura do analista.

Referências Bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, J. O lugar do outro em um discurso de falsificação da história. A respeito de um texto que nega o genocídio dos judeus no III Reich. In: *Entre a transparência e a opacidade*. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ERNST-PEREIRA, Aracy. *O discurso da exclusão nos contos de fadas*”. Texto apresentado na ANPOLL, 2004.

_____. *Do corpo à palavra: o efeito sujeito*. Texto apresentado no CELSUL, 2008.

HAROCHE, Claudine. *Fazer Dizer, Querer Dizer*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

